

A mística do amor em Gertrudes de Helfta: uma obra do Espírito Santo

*The Mystic of Love in Gertrud von Helfta:
a Work of the Holy Spirit*

MARCIAL MAÇANEIRO*

Resumo: Nestas linhas, apresenta-se o itinerário espiritual de Gertrudes de Helfta (Alemanha, 1256-1302), considerando especialmente a centralidade do amor (*agápe / cháritas*) em sua experiência monástica, cujo emblema é o Coração de Cristo. Enraizada no terreno da liturgia, Gertrudes ouve a Palavra de Deus, acessa a literatura patrística e mística (Gregório Magno, Agostinho, Hugo de São Vítor), invoca a luz e a consolação do Espírito Santo e experimenta o amor divino como potência de união e transformação. É o que se lê nos textos gertrudianos, como o *Legatus divinae pietatis* e os *Exercitia spiritualia*. Além da menção às fontes, destacam-se os elementos pneumatológicos e cristológicos da espiritualidade de Gertrudes – mulher consagrada em quem se dá a síntese entre liturgia e mística, vida eclesial e afetividade feminina. As considerações finais retomam esses aspectos e propõem uma leitura de Gertrudes para nossos dias, como teóloga e mistagoga.

Palavras-chave: Santa Gertrudes. Mística. Vida Monástica. Teologia. Coração de Jesus.

* Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Docente da pós-graduação *stricto sensu* em Teologia da PUC-PR. Teólogo da Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal (Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, Vaticano). Consultor teológico do Instituto Ciência & Fé da PUC-PR. Presbítero da Congregação dos Padres do Coração de Jesus (dehonianos). E-mail: marcialscj@gmail.com

Abstract: In this paper, the Author explains the spiritual route of Gertrud von Helfta (Germany, 1256-1302), for whom love (*agápe / chárítas*) is the center of her monastic life, symbolized by the Heart of Jesus. Rooted in the liturgy, Gertrud listens to God's Word, knows the patristical and mystical writings (Gregory the Great, Augustin, Hugue of Saint-Victor), calls for the light and consolation of the Holy Spirit, and experiences the divine love as an unitive and transformative grace. This is what we read in Gertrudian texts, such as: *Legatus divinae pietatis* and *Exercitia spiritualia*. In addition to mentioning the sources, the author highlights the pneumatological and christological elements of Gertrudes' spirituality – a consecrated woman in whom the synthesis between liturgy and mysticism, ecclesial life and feminine affectivity takes place. The final considerations return to these aspects and propose a reading of Gertrudes for our days as a theologian and mystagogue.

Keywords: Saint Gertrud. Mystics. Monastic life. Theology. Sacred Heart.

Introdução

Gertrudes nasceu em Eisleben, na Turíngia (Alemanha), em 1256. Ainda menina, foi recebida pelas monjas beneditinas de Helfta, na Saxônia, onde transcorreu sua vida. Entregou-se com ardor aos estudos, aprendendo Letras e Filosofia. Mais tarde, tocada por um encontro místico com Jesus, voltou-se à busca de Deus, redimensionando toda a sua vocação monástica. Não desprezou o conhecimento adquirido, mas escolheu a Deus como o Absoluto de sua vida. A partir desta experiência, ela seguiu os anos com intensa sensibilidade à graça divina, testemunhando diversas experiências cotidianas, das simples intuições provenientes da oração litúrgica à graça dos estigmas interiores, com a ferida de amor sobre seu coração, à semelhança do Coração transpassado de Jesus (cf. *Arauto*, Livro II, cap. 4-5). Este fecundo caminho nos é testemunhado pelos escritos gertrudianos, especialmente o *Legatus divinae pietatis* – traduzido como *Arauto* ou *Mensagem do amor divino* – acompanhado dos *Exercitia spiritualia* em que se propõe uma série de exercícios espirituais inspirados na oração de Gertrudes, cujas edições se multiplicaram na Europa e nas Américas, alcançando

grande popularidade¹. Nossa autora faleceu aos 17 de novembro de 1302, honrada pelo reconhecimento de suas irmãs e pelo afeto dos fiéis. Nunca foi abadessa, sendo por vezes confundida com Gertrudes de Hackeborn, superiora do mesmo mosteiro de Helfta. A Igreja celebra sua memória no dia 16 de novembro e lhe devota o título de “a grande” (*magna*).

Em nossos dias, conhecer Gertrudes significa revisitar um tesouro bem guardado, uma herança que a Igreja soube preservar e repartir com o Povo de Deus. Mas apesar da distância cronológica, a obra do Espírito Santo que nela se inscreve continua viva e nova, qual fonte inspiradora para quem a acessa com zelo e generosidade. Seu itinerário foi centrado no amor do Verbo encarnado, que ela conheceu intimamente pelo Evangelho, os sacramentos e a mediação da Igreja, seu Corpo místico. Em Gertrudes temos uma síntese harmoniosa entre liturgia e mística, culto eclesial e afetividade pessoal. De sua experiência destacamos, neste artigo, o primado do amor, os elementos pneumatológicos, a pedagogia dos símbolos e a contemplação da humanidade de Cristo – traços característicos de seu percurso espiritual.

1 O fértil terreno da liturgia

A experiência de Gertrudes está profundamente enraizada no terreno da vida monástica, como beneditina na Saxônia do século XIII. Seu ritmo é marcado pela recitação das Horas ao longo dos tempos litúrgicos, compondo assim um roteiro para sua habitual escuta da Palavra de Deus nas Escrituras. Como mulher consagrada, Gertrudes busca a perfeição da fé, esperança e caridade no cenóbio beneditino de Helfta, sob a influência da vigorosa espiritua-

¹ Neste estudo usamos as edições brasileiras do *Legatus divinae pietatis*, com os Livros I, II e III traduzidos por Maria Zuleika Bezerra (*Mensagem da misericórdia divina*: Edições Subiaco, 2012), e o Livro IV traduzido por Celso da Costa C. Vidigal (*Mensagem do amor de Deus*: Editora Artpress, 2016). Consideramos também os textos latinos e sua tradução francesa publicados na coleção *Sources Chrétiennes*, aos cuidados de Jean-Marie Clément OSB e Bernard De Vregille SJ, com a colaboração das monjas beneditinas de Wisques (Paris: Éditions du Cerf, 1978). Citaremos como *Arauto*, indicando o Livro e as páginas referidas. Para os *Exercitia spiritualia* usamos a edição em português: CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRAZILEIRA. *Manual gertrudiano ou Exercícios espirituais de santa Gertrudes Magna*. Friburgo em Brisgau: Editora Herder, 1914. Citaremos como *Exercícios espirituais*, indicando as páginas desta edição.

lidade de Bernardo de Claraval². Ao lado deste, faz-se notar ainda a influência de Matilde de Hackeborn e Matilde de Magdeburgo, que servem de referência para a linguagem de Gertrudes; e também a importância de Hugo de São Vítor, considerado uma autoridade em matéria de teologia mística. De fato, todos esses autores são citados já no Livro I do *Arauto*. Uma análise acurada dos textos revela, ainda, a presença do pensamento de Agostinho e de Dionísio Areopagita, o que nos permite supor que Gertrudes tivera contato, ao menos parcial, com as obras desses autores (cf. FREITAS CARVALHO, 1981, p. 20).

Sempre atenta ao sentido teológico da Liturgia, a experiência de Gertrudes é eminentemente cristocêntrica: focada no mistério de Cristo, proclamado no Novo Testamento e celebrado ao longo do ano litúrgico. Bastaria uma leitura de alguns tópicos de seus escritos para nos impressionar com as inúmeras referências à Liturgia, muitas vezes exatas e detalhadas. Uma amostra disto é o Livro IV do *Arauto*: o livro é ordenado segundo as festas litúrgicas que se sucedem do Natal até Pentecostes, incluindo a festa dos Santos. Gertrudes atravessa cada tempo litúrgico com uma sensibilidade extrema, acolhendo de modo pessoal o nascimento de Cristo na história e seu nascimento em nós pela graça (advento e natal), os apelos de conversão proferidos pelos profetas (quaresma), o amor divino que se oferece sem reservas na cruz (paixão), a alegria da vida nova (páscoa), o retorno glorioso de Cristo para junto do Pai (ascensão) e a obra do Paráclito (pentecostes). Muitas de suas vivências espirituais aconteceram em momentos celebrativos, como o desejo de penitência que nela ardeu numa missa antes da quarta-feira de cinzas (chamada *missa esto mihi*, que preparava o tempo quaresmal), ou ainda a singular experiência do traspassamento de seu coração pelas setas do amor divino, logo após ter comungado a eucaristia (cf. *Arauto*, Livro V, cap. 25).

Cabe ainda observar, como diz Freitas Carvalho, que “o cristocentrismo de Gertrudes – no sentido em que Cristo é o centro de sua teologia – é o cristocentrismo de S. Paulo” (1981, p. 20). Com efeito, “a espiritualidade gertrudiana é paulina: o acesso à vida divina não é possível senão pela incorporação

² Não há evidências históricas de que a Abadia de Helfta fosse oficialmente cisterciense. É plausível que fosse um mosteiro beneditino regular e autônomo, mas muito receptivo à teologia do abade de Claraval, como se deduz de sua constante menção nos escritos gertrudianos. A tal respeito, a edição do *Arauto* na coleção *Sources Chrétiennes* (com o título *Legatus divinae pietatis*) dispõe, no final dos volumes, um índice remissivo indicando os vários parágrafos onde Gertrudes cita Bernardo de Claraval.

ao Cristo, realidade misteriosa” (DOYÈRE, 1968, p. 34). Também Vagaggini, em seu competente estudo sobre a espiritualidade litúrgica de Gertrudes, demonstra como nela ecoam os grandes temas da teologia paulina: a lúcida consciência da graça divina que lhe supre toda pequenez, limite e miséria humana; a contemplação da Trindade na obra redentora de Jesus, o mistério da encarnação e a função mediadora de Cristo; a recapitulação do cosmos e a liturgia escatológica que o Senhor realiza em sua glória; a Igreja como Corpo de Cristo e comunhão dos santos (cf. VAGAGGINI, 1959, p. 721-736).

2 A obra do Espírito Consolador

Como sabemos, a experiência mística se move no horizonte da graça e da liberdade do Espírito Santo, constituindo uma esfera própria do conhecimento teologal. Neste sentido, mais do que viver com liberdade de espírito, Gertrudes vive a liberdade *no Espírito Santo* que a habita, ensina e consola. É fato emblemático que o *Arauto* se abra com esta afirmação, no primeiro parágrafo do *Prólogo*:

Dispensador de todos os bens, o Espírito Consolador que “sopra onde quer” (Jo 3,8), como quer e quando quer, prefere manter secretas suas inspirações, mas também agrada-lhe ordenar, para o bem de um maior número de almas, a maneira de manifestá-las, como sucede no caso desta serva de Deus (*Arauto*, Prólogo n. 1).

Poucas linhas depois, o *Arauto* nos apresenta Gertrudes como uma mulher carismática, que recebia os dons espirituais (*charismata*) com liberdade, generosidade e fecundidade:

Sua palavra era doce e penetrante, tão hábil sua eloquência, seu discurso tão persuasivo, eficaz e sedutor, que a maior parte dos seus ouvintes, com o coração aliviado e a vontade transformada, dava testemunho convincente ao Espírito de Deus que falava nela (cf. At 6,10). Pois essa palavra “viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, adentrando a ponto de dividir alma e espírito” (Hb 4,12) nela habitava e operava todas as coisas. Uns recebiam de suas palavras o toque do arrependimento que os levava à salvação; outros, recebiam a luz do conhecimento de Deus e de suas próprias misérias; a alguns, o socorro de um alegre consolo; a outros, enfim, inflamava o coração com o fogo do amor divino. Até mesmo estranhos, que haviam conversado com ela uma só vez, reconheciam ter obtido um imenso proveito. E embora dotada com essas e

outras graças semelhantes que costumam estimular o desejo humano de agradar, não se deve pensar que o que se vai ler [ao longo deste livro] ela o tenha imaginado com tal intuito, na engenhosidade e vivacidade de sua mente, ou que o tenha escrito para satisfazer seu talento literário e a habilidade de sua eloquência. Longe disso! Estejamos absolutamente convencidos de que tudo foi um dom gratuito da fonte da sabedoria divina e inspirado por esse mesmo Espírito que “sopra onde quer” (Jo 3,8), quando quer, a quem quer e o que quer, segundo as conveniências de pessoa, lugar e tempo (*Arauto*, cap. I, n. 3).

Gertrudes se reconhece ornada com os sete dons do Espírito Santo (cf. *Arauto*, Livro IV, cap. 2, p. 16); sua inteligência é instruída pela unção do Santo Espírito (cf. *ib.*, cap. 2, p. 24); também sua vontade é educada pelo Espírito divino, que lhe supre toda indignidade e a imerge na fonte viva da luz eterna³ (cf. *ib.*, cap. 17, p. 107-108). Quando reza o Pai-Nosso, o faz sob inspiração do Paráclito que lhe sugere as intenções da prece (cf. *ib.*, cap. 19, p. 111). Diante dos pecados humanos o mesmo Espírito lhe concede a compunção (cf. *ib.*, cap. 25, p. 135). Ao ouvir a Palavra de Deus e participar dos sacramentos é amparada pelo dom de ciência, com o qual o Espírito lhe ensina e inspira sincera ação de graças (cf. *ib.*, cap. 55, p. 268-269).

Ainda no Livro IV do *Arauto*, ganham destaque a preparação, a celebração e os frutos de Pentecostes na vida de Gertrudes (cf. Livro IV, caps. 32, 37, 38). A sequência começa na oitava litúrgica do domingo da Ressurreição, quando se proclamava o Evangelho de João 20,19-23 em que Jesus aparece aos discípulos e, soprando sobre eles, lhes concede o Espírito Santo. Gertrudes pede este Dom, ao que Jesus responde: “Se desejas receber o Espírito Santo é preciso que, seguindo o exemplo de meus discípulos, tu me toques o lado e as mãos” (cap. 32, p. 162). Contemplando o lado transpassado do Senhor, ela compreende que para receber o Paráclito deve antes “considerar com gratidão o amor do Coração do Senhor, porque é por seu amor que Deus nos destinou desde toda a eternidade para sermos seus filhos e herdeiros de seu Reino” (*ib.*, p. 163). E contemplando-lhe as mãos chagadas, ela compreende que deve “recordar com reconhecimento as obras realizadas para a nossa redenção: [...] quem agir desta maneira receberá o Espírito Santo com os sentimentos

³ A expressão “fonte viva da luz eterna” remete certamente à teologia mística de Hugo de São Vítor, frequentemente citado por Gertrudes. Em suas obras, Hugo usa esta expressão para indicar a graça divina iluminando a alma, cujo conhecimento se eleva em amor, por obra do Espírito Santo. Cf. HUGUES DE SAINT-VICTOR, 1958.

que tiveram os discípulos, quando o mesmo Espírito lhe foi comunicado pelo sopro do Filho de Deus” (ib., p. 163). Deste modo Gertrudes recebeu o dom do Espírito, que eflui do Coração de Cristo.

Dias depois, preparando a festa de Pentecostes como se lê no cap. 37, ela pede ao Senhor que a prepare para receber o Espírito Santo “mediante as virtudes da pureza de coração, humildade, paz e concórdia” (cap. 37, p. 181). Então Jesus lhe concedeu graças segundo essas virtudes: soube interiormente que seu coração fora purificado; viu um recôndito espaço em sua alma para ali receber os dons do Espírito Santo; recebeu a brisa refrescante do mesmo Espírito que lhe trazia paz nos momentos de adversidade; teve sua caridade confirmada pelo dom de fortaleza, para que nela se conservasse a presença e as operações do Espírito divino (cf. ib., p. 181-182).

Chegado o dia de Pentecostes, como se lê no cap. 38, Jesus assevera à Gertrudes a plenitude do Espírito Santo, qual dom a inundar o abismo de sua miséria e indignidade (cf. cap. 38, p. 183). Ela contempla o Espírito Santo como fonte reluzente, semelhante a um favo de mel que se espalha, a jorrar do Coração de Jesus: então “ela compreendeu que essa fonte representava a doçura do Espírito Santo que, pelo Coração do Filho de Deus, se espalha na alma dos eleitos” (ib., p. 183). Esta fonte foi concedida à sua alma de Filha, sempre aberta e plena, à semelhança da fonte batismal, para que ela “pudesse mergulhar ali com frequência e, a cada vez, sair deste banho salutar mais pura e agradável aos olhos do Senhor” (ib., p. 184). Trata-se de uma descrição do *batismo* (banho) *no Espírito Santo*, como graça que atualiza e faz frutificar o Batismo sacramental, às vésperas do Pentecostes (cf. Mt 2,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Jo 1,33). Segue-se a isto uma oração trinitária em que Gertrudes, ao mesmo tempo, confessa seus pecados e apela à *onipotência* do Pai, à *sabedoria* do Filho e à *bondade* do Espírito Santo – invocação tríplice usual na Idade Média, sugerida por vários autores e sistematizada por Tomás de Aquino (cf. *Summa theologiae* I, 39, 8 apud LADARIA, 1998, p. 272). A tônica da oração é o amor de união com Cristo, no vínculo do Espírito Santo, que é o Amor divino em Pessoa. Em Pentecostes, Gertrudes compreendeu que os dons do Espírito Santo lhe foram concedidos por mercê do Coração de Jesus; e o expressa usando duas analogias de fundo bíblico: o *sopro* (doce, penetrante e inefável: Jo 20,22; At 2,2) e a *árvore* (frondosa, florida e frutífera: Sl 1,3; Gl 5,22-23). Os dons e frutos do Espírito são apresentados por Gertrudes como dádiva pascal que promana do Coração aberto do Senhor, realizando nela e em toda a Igreja a promessa evangélica:

No último dia, o mais importante dia da festa, Jesus, de pé, exclamou: “Se alguém tem sede, venha a mim; e beba aquele que crê em mim” – conforme diz a Escritura: “Do seu interior correrão rios de água viva”. Ele disse isto falando do Espírito que haviam de receber os que acreditassem nele” (Jo 7,37-39 com remissões a Ez 36,25-28 e 47,1-12).

Gertrudes, repleta dos frutos do Espírito, canta com toda a Igreja o *Veni Creator Spiritus* (hino litúrgico composto por Rábano Mauro, ano 856) e encerra o dia de Pentecostes meditando os versos deste precioso cântico (cf. cap. 38, p. 187).

3 Do visível ao invisível: a pedagogia dos símbolos

O símbolo é a linguagem do mistério, como sabemos. Isto vale para os místicos e místicas em geral, que usarão os símbolos como auxílio para expressar suas vivências. Sabemos ainda que na construção simbólica se processam lado a lado as fontes da espiritualidade, os lugares da vivência mística, a cultura da época e a personalidade do próprio sujeito. Já no primeiro capítulo do Livro I, o *Arauto* menciona o conhecimento por analogia, especialmente oportuno para a compreensão das Sagradas Escrituras e da vida no Espírito:

Como as realidades invisíveis e espirituais só podem ser entendidas pela inteligência humana através da analogia com as realidades visíveis e materiais, convém representa-las por figuras humanas e materiais. Mestre Hugo [de São Vítor], ao falar do homem interior, no cap. XVI de seu tratado, ensina: “As divinas Escrituras, por alusão ao conhecimento do mundo interior e por condescendência à fragilidade humana, descrevem as realidades invisíveis como formas visíveis e imprimem em nossas mentes sua lembrança como se fossem objetos desejáveis. Assim, ora falam de uma terra onde correm leite e mel, ora falam de flores e perfumes, além de comparar a harmonia das alegrias celestiais ao canto da voz humana ou ao concerto dos pássaros. Lede o Apocalipse de São João e encontrareis longamente descrita uma Jerusalém adornada de ouro, prata, pérolas e gemas preciosas; ora, bem sabemos que nada disso se encontra nesse lugar onde, entretanto, nada pode faltar; é que nada disso está ali especificamente, mas apenas por analogia” (*Arauto*, Livro I, cap. 1, n. 4).

É interessante notar que Gertrudes tem consciência disto, aplicando o conhecimento por analogia aos temas de sua contemplação e ao modo de expressar. Pensando não só em si, mas preocupada em comunicar sua experiência sem riscos de desvio, ela

se indagava por qual motivo o Senhor a instruíra com visão tão corpórea. O Senhor lhe recordou o que se canta na festa daquele dia, referente à porta cerrada vista antecipadamente, em espírito, pelo profeta Ezequiel (Ez 44,1-2) e lhe disse: Como em uma época, a modalidade e a economia da minha paixão, encarnação e ressurreição foram indicadas antecipadamente aos profetas, por meio de símbolos místicos e imagens tiradas da realidade, assim também hoje: as coisas espirituais e invisíveis não podem ser expressas ao entendimento humano senão mediante figuras tomadas do mundo sensível. Eis porque ninguém deve desprezar o que lhe é revelado através de imagens da realidade material, mas deve, sim, esforçar-se para que sua inteligência mereça captar e degustar, por meio de imagens corpóreas, o sabor das delícias espirituais (*Arauto*, Livro IV, cap. 12, n. 3).

Seguindo o pensamento de Agostinho e de Hugo de São Vítor, Gertrudes compreende que a realidade corpórea é capaz de significar a realidade espiritual, já que o próprio Verbo se fez carne para comunicar-se visivelmente a nós. Trata-se do princípio da analogia: os símbolos corpóreos e sensíveis – servindo à revelação divina sob o marco da encarnação – compõem um código místico ditado pelo Verbo, para que a salvação seja comunicada a toda a humanidade (cf. *Arauto*, Livro I, n. 4). De fato, Deus tem uma vontade salvífica universal. Quer revelar-se a todos os homens e mulheres da Terra. Assim, ele escolheu comunicar-se por gestos, sinais e palavras adequados aos sentidos e à inteligência humana⁴. Mais que isso! Na sua providência, ele já criou o homem e a mulher como um ser “capaz de Deus” (*capax Dei*). O Criador imprimiu na nossa natureza a sua imagem e semelhança, em vista da comunhão que ele mesmo nos oferece. Falando de outro modo: ele nos criou para participarmos em sua vida divina e, assim, nos dotou com as condições para conhecê-lo e amá-lo livremente, podendo responder “sim” ou “não” à sua proposta de comunhão.

4 Contemplando a humanidade do Verbo encarnado

Gertrudes, como sabemos, é uma *mística*. O seu percurso contemplativo, vivido cotidianamente na consagração monástica, foi o modo como ela assimilou o plano da salvação na própria vida. Por isso, ela se alegra! Acolhe esta experiência como graça e procura ser fiel ao comunicá-la às outras pessoas:

Ó Senhor, desejo louvar-te e agradecer-te porque, apesar da minha indignidade, mantiveste tua transbordante ternura para comigo. Quero ainda louvar-te

⁴ Lemos em *Dei Verbum* n. 1 que a Revelação se dá por *gesta* (gestos) e *verba* (palavras).

porque alguns, ao ler estas páginas, poderão saborear na intimidade de seu ser as mais elevadas experiências. De fato, por meio do alfabeto, alcançam a ciência da filosofia aqueles que querem estudar; similarmente, por meio de sinais que, na verdade, são apenas figuras retratadas, os leitores destas páginas aprenderão a degustar dentro de si mesmos aquele maná escondido que não poderia ser associado a nenhuma mistura de imagens corpóreas, e de cujo sabor somente quem já experimentou sentirá fome.

Depois conclui:

Deus onipotente e Mestre generoso de todo bem, digna-te garantir-nos sempre este alimento enquanto caminhamos em nosso exílio, na espera de que – contemplando com rosto descoberto a glória do Cristo – sejamos transformados à sua própria imagem, de luz em luz, como sob suavíssimo sopro (*Arauto*, Livro II, cap. 24, n. 1).

Convém acrescentar que esta contemplação de Deus através de elementos corporais e afetivos faz parte da devoção à *humanidade* de Cristo (na qual se unem corpo e afeto). Muito em voga desde o século XI, esta devoção teve o mérito de valorizar o Jesus humano e sensível. A contemplação da Encarnação ressaltava a corporeidade de Jesus; e a contemplação do Coração ressaltava sua afetividade. Daí a reverência pelo *amor humano-divino* de Cristo, pela sua Paixão, pelas suas chagas – especialmente a chaga do lado aberto – que conduzia ao *coração* do Senhor (cf. RIVERA-RECÍO, 1969, p. 641-644). Naquele período medieval, Encarnação (corporeidade) e Coração (afetividade) se completavam e formavam esta singular devoção, cheia de referências bíblicas e sugestiva do ponto de vista espiritual (cf. *Arauto*, Livro III, cap. 25-26; Livro IV, cap. 4, 23 e 38).

5 A “*intelligentia amoris*”

Gertrudes percebe que os símbolos formam uma *pedagogia mística*. Corpo e afeto se tocam em toda a história da salvação: no Deus-Artista que cria todas as coisas e modela o ser humano à sua imagem, no amor zeloso de Javé por Israel, na voz esperançada dos profetas, na busca pelo amado no Cântico dos Cânticos, na oferta de uma nova aliança selada no coração. Tudo isto está registrado na Sagrada Escritura: suas linhas testemunham a pedagogia do amor divino, sempre pronto em visitar e libertar o seu Povo. Por

isso Gertrudes frequenta assiduamente a *sacra pagina* – como se costumava dizer em seu tempo. Na Bíblia ela encontrava os sinais que a Trindade mesma inscreveu para comunicar-se, culminando com a encarnação do Verbo em Jesus, “imagem visível do Deus invisível” (Col 1,15).

Herdeira dos Pais da Igreja como Gregório Magno e Agostinho, e aluna de Bento e Matilde de Hackeborn, Gertrudes pratica a *lectio divina* de modo habitual: ela ouve os textos bíblicos na Liturgia e na oração pessoal com proveito, como quem tira mel dos favos – diz o *Arauto*, Livro I, cap. 1, n. 2. Nesta prática, ela segue as lições da exegese medieval, que lia as Escrituras em chave simbólica e pneumatológica, para escutar a Cristo-Verbo do Pai, no Espírito Santo (cf. HUGO DE SÃO VITOR, 2001). Gertrudes mergulha no texto a partir de imagens e semelhanças, considerando os símbolos, dizeres e sentimentos contidos na leitura. Era um verdadeiro *saborear* o texto bíblico: uma *ruminatio* (ruminação), como se dizia na época; pois o leitor “ruminava” os versículos, retomando-os continuamente, a fim de captar e interiorizar, o máximo possível, a sua mensagem (cf. *Arauto*, Livro I, cap. 1, n. 2).

Assim se desdobravam os vários significados do texto, passando-se do sentido literal ao sentido místico. A leitura contemplativa do texto (*lectio divina*) fazia perceber as analogias existentes entre a escrita-da-letra e o espírito-da-letra, o texto-no-tempo e o texto-além-do-tempo, o texto-em-si e o texto-em-mim. Deste modo a *analogia* (semelhança ou proporção) propiciava uma *anagogia* (elevação): intuindo o sentido místico do texto, o leitor ascendia das coisas terrenas àquelas celestes e deslocava-se da superficialidade à interioridade de si próprio, onde habita a Trindade⁵.

Na *lectio* o leitor sentia-se convidado pela Palavra a comparecer diante da Verdade, que é Deus. Na presença d’Ele, mediante a Palavra, o ouvinte poderia acolher também a verdade sobre si próprio. Ou seja: a Palavra revela Deus para mim, e me revela diante de Deus. E esta transparência permite que a Verdade nos liberte (cf. Jo 8,32). Passo a passo, a *leitura orante* favorecia o encontro profundo entre o leitor e o texto contemplado. Acontecia um duplo mergulho: a pessoa entrava no texto e o texto entrava nela. Então a Palavra mostrava toda a sua força

⁵ Como propõe didaticamente Agostinho de Dácia (1260 *circa*) em seus versos: *Littera gesta docet, quid credas allegoria; moralis quid agas, quo tendas anagogia*. Ocuparam-se dos sentidos da Escritura vários autores célebres, como Orígenes, Jerônimo, Agostinho, Hugo de São Vítor, Dionísio Areopagita e Tomás de Aquino, conhecidos da comunidade de Helfta (cf. BEAU-CHAMP, 2004, p. 1634-1642).

e eficácia transformadora, agindo desde o interior da pessoa, semelhante à obra do fermento na massa. A prática contínua desta *lectio* favorece a vida nova da graça e o efeito dos sacramentos, resultando em conversão, alegria e união com Deus. Esta foi a experiência de Gertrudes ao ouvir os evangelhos da epifania (*Arauto*, Livro IV, cap. 6), da anunciação do Senhor (ib., cap. 12), a epístola do domingo da Quinquagésima (ib., cap. XV), a epístola do primeiro domingo da Quaresma (ib., cap. 17), o evangelho da primeira segunda-feira da Quaresma (ib., cap. 18), e muitas outras *lectiones* da Palavra de Deus na liturgia.

Os resultados desta “leitura” (*lectio*), porém, não resultam do método; pois não é artifício de quem ouve ou lê a Palavra (*lector*), mas obra do Espírito Santo. É o Paráclito quem preside este exercício de escuta da Palavra, na qualidade de autor da oração e primeiro agente no caminho da busca de Deus⁶. O Divino Sopro com o qual o Pai profere sua Palavra é quem introduz esta mesma Palavra no coração do ouvinte, *in-spirando* na pessoa a presença criadora do Verbo. Inaugura-se na pessoa um processo de “nova geração” (*re-generatio*), que envolve tanto as faculdades intelectuais quanto afetivas. A respeito, os *Exercícios espirituais* nos trazem esta oração:

Vinde, Espírito divino; vinde! Vinde, ó Deus que sois amor! Enchei meu coração, vazio de todo bem. Abrasai-me a fim de que vos ame; esclarecei-me para vos conhecer; atraí-me para que eu encontre em vós minhas delícias (*Exercícios espirituais*, p. 130).

Escuta assídua da Palavra e inspiração do Espírito Santo unificam a pessoa: é a graça do coração *novo* e *indiviso*⁷. Ali no *coração*, núcleo profundo da pessoa, o Paráclito vai cultivar uma peculiar inteligência mística:

Ó Deus, meu amor, todo doçura e misericórdia minha, enviai do céu o vosso Espírito e por ele criai em mim um coração novo e um espírito novo. Por vossa União, ensinai-me todas as coisas; pois dentre mil vos escolhi e vos amos acima de qualquer outro amor, acima do amor que tenho por mim mesma. Alimentai em minha alma essa energia, esse brilho e essa beleza que o amor contém, e que atraem vossos olhares e vossa ternura (*Exercícios espirituais*, p. 169).

⁶ O Espírito Santo é *auctor et actor orationis*: autor e agente da oração. É o Orante por excelência. Ele habita nosso íntimo e “intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8,26-27). A Bíblia vê o “coração” como lugar ou sede do Espírito Santo na pessoa (cf. Ez 11,19; Rm 5,5).

⁷ Cf. Ez 36,26 e Sl 86,11: a teologia da vida consagrada frequentemente retorna a este tema.

Assim se caracteriza a chamada *sapientia cordis* (sabedoria do coração) ou também *intelligentia amoris* (inteligência afetiva). Donde a insistência no amor como chave de acesso ao mistério divino, numa compreensão não apenas afetiva ou psicológica, mas trinitária e teologal: Gertrudes volta-se ao Espírito Santo como *Amor em pessoa*, vínculo da comunhão trinitária e de sua própria relação com Deus:

Ó Espírito Santo, Deus-Amor, vínculo da santa Trindade pelo amor, vós descansais e pondeis vossas delícias entre os filhos dos homens, na santa castidade que – por vosso poder e vossos encantos – floresce aqui na terra como rosa entre os espinhos. Espírito Santo amor, amor, amor! Dizei-me que caminho conduz a tão deliciosa morada, onde está a vereda da vida, que leva a estes prados fertilizados pelo orvalho divino, onde se saciam os corações inquietos (*Exercícios espirituais*, p. 164).

6 O itinerário místico de Gertrudes

a) Caráter iniciático do caminho espiritual

Um traço da mística cristã é seu caráter iniciático: a pessoa percorre um caminho, uma iniciação na fé, desde os primeiros toques da graça divina até a união com Deus. A mística cristã não é estática, mas dinâmica. Comporta um percurso trilhado passo-a-passo. Às vezes este percurso é descrito como “itinerário da mente para Deus” (Boaventura) ou “caminho de perfeição” (Teresa de Lisieux). Outras vezes é comparado à “travessia de noites escuras” ou “subida de um alto monte” (João da Cruz). Outros autores o descrevem como “busca de Deus no deserto” (Charles de Foucauld) ou “enamoração e núpcias da alma com Deus” (Teresa de Ávila). As descrições diferem, mas todas mostram o dinamismo e contínuo fluir da experiência mística.

No caso de Gertrudes, o fato dela ser mulher em plena Idade Média, inserida num mosteiro fixo, não diminui em nada o dinamismo próprio do caminho espiritual. Pelo contrário! Ingressar no mosteiro significava empreender um longo caminho de aperfeiçoamento, partilhando cada passo com uma comunidade maior, configurada exatamente como comunidade discipular, dedicada ao serviço de Deus. Este é o propósito da *Regra* deixada por São Bento, para quem o mosteiro é uma escola estável de seguimento a Cristo, presidida pela Sabedoria divina e inserida na Igreja sob a guarda de um abade ou abadessa (cf. *Regra de São Bento*, n. 1-2 e 58).

Gertrudes é uma monja consciente de sua condição, como mulher consagrada. Viveu na perseverança da fé e no cuidado em acolher cada sinal da Presença divina no seu dia-a-dia. O mesmo pode-se dizer (salvo as diferenças de contexto e carisma) a respeito das espiritualidades franciscana, dominicana, carmelitana, inaciana e outras mais recentes. Em todos estes casos, o caráter iniciático e peregrino da experiência mística é visível: há início, meios, graus e fins a atingir⁸. Há um ritmo de aprendizado crescente; uma verdadeira mistagogia.

b) A graça dos inícios

Este caminho mistagógico – caminho de aprendizado espiritual – se desenrola paulatinamente. Mas o seu início, muitas vezes, é assinalado por um fato marcante: um sentimento, palavra ou intuição, onde o sujeito da experiência acolhe algum tipo de comunicação divina. Pode ser a intuição de uma ordem de Deus, que cai no fundo do coração com uma força irresistível (caso de Agostinho: “toma e lê!”). Outras vezes, a graça suscita indagações existenciais, pedindo ou propondo algo (como Francisco que escutou de Jesus: “reconstrói a minha Igreja”). Pode ser, ainda, um momento de rara iluminação, quando se percebe a majestade de Deus e sua inefável vontade (como a “iluminação” de Manresa, provada por Inácio de Loyola).

Seja como for, este peculiar toque da graça será relido pelo sujeito, tornando-se aos poucos uma experiência fundante, ao modo de uma *teofania*: uma manifestação de Deus na própria vida. Esta experiência se chama “graça dos inícios” e pode tornar-se um evento iniciático: um acontecimento que desperta a pessoa para Deus, introduzindo-a num caminho de discernimento e maturidade espiritual. Mesmo que naquele momento inicial a graça tenha sido sutil e singela, o trajeto percorrido a partir dali vai compor um processo espiritual novo e extremamente envolvente, diverso das vivências anteriores. Quanto mais se estende o caminho espiritual, mais significativo vai se tornando aquele toque inicial. A pessoa poderá reler a “graça dos inícios” em cada nova fase da vida, mergulhando com mais profundidade e simplicidade no mistério de Deus.

⁸ Autores como Boaventura, João da Cruz e Teresa de Ávila descrevem o caminho místico com cuidadosa pedagogia. Boaventura fala das três vias, purgativa, iluminativa e unitiva, pelas quais se pode ir a Deus. João da Cruz traça o caminho místico marcado pela busca amorosa de Deus e pela travessia das “noites”, até a transformação da alma no Amado. Teresa, por sua vez, usa o simbolismo do castelo e suas moradas, para descrever o mesmo percurso, que se conclui nos esponsais místicos da alma com Cristo-Esposo.

c) O Amado a encontra pela primeira vez

Como já mencionamos, Gertrudes nasceu aos 6 de janeiro de 1256; e ingressou no mosteiro de Helfta por volta de 1261, com cinco anos de idade. Vinte anos mais tarde, poucos dias depois de celebrar seu aniversário, ela teve uma primeira experiência mística. Ela nos fala de um encontro intenso e pessoal com Jesus Cristo. Ela mesma anotou com exatidão: era o dia 27 de janeiro de 1281. Jesus se manifesta e lhe fala na figura de um jovem belo e atencioso, que a consola e fortalece (cf. *Exercícios espirituais*, p. 25-29)⁹. Gertrudes conta o que sentiu com uma linguagem simbólica, repleta de emblemas e sinais. Pois isto faz parte de seu estilo literário medieval. O objetivo é que estes símbolos nos ajudem a captar o significado global da experiência, muito significativa para ela. O que Jesus lhe disse – melhor, lhe fez sentir – está selado pela inefabilidade. Só mesmo os símbolos conseguem explicitar. Pois se trata de uma experiência sutil, mais própria do amor do que da eloquência. Não há palavras para explicá-la de modo suficiente. A inteligência acolhe e se inclina. O discurso dá lugar à adoração. A mente admira, o coração arde:

Na hora, pois, que indiquei acima [crepúsculo do dia 27 de janeiro de 1281, segunda-feira, véspera da festa da Purificação de Maria, após oração das Completas], estava eu no meio do dormitório; ao encontrar ali uma irmã mais velha, diante dela inclinei a cabeça em sinal de respeito, conforme se diz na regra monástica; e eis que, ao reerguer a cabeça, vi ao meu lado um jovem de pé, amável e delicado, de uns dezesseis anos, de tal formosura como então minha juventude teria desejado que ele agradasse minhas vistas exteriores. Este jovem, de semblante afável e com palavras carinhosas me disse: “Em breve verás a tua salvação. Por que te consumes em tristeza? Acaso não tens conselheiro? Acaso a dor te modificou tanto?” – Ao ouvi-lo dizer isso, embora eu soubesse estar corporalmente no dormitório, todavia me parecia estar no coro [onde se celebra o Ofício Divino], no ângulo em que costumava fazer minha oração tibia; então ouvi as seguintes palavras: “Eu te salvarei e te libertarei: não temas!” Ainda ouvia essas palavras, quando vi uma mão direita, tenra e delicada, segurar a minha, como se confirmasse tais palavras por uma promessa. Ao segurar minha mão, acrescentou: “Provaste da terra e do mel de meus inimigos, vivendo entre espinhos; volta-te agora para mim e irei te inebriar com a torrente de minhas divinas delícias”. Ao dizer isto, olhei para trás e vi, entre mim e ele – isto é, à direita dele e à minha esquerda – um

⁹ Aqui a edição brasileira dos *Exercícios espirituais* retoma o relato do *Arauto*, sem citar as páginas originais.

recinto de tão espantoso comprimento, que nem por minha frente, nem por detrás, se divisava o fim daquela extensão. Em cima, porém, o mesmo recinto parecia forrado de tão cerrados espinhos, que em parte nenhuma eu achava uma brecha para retornar ao dito jovem. Vi-me daquele outro lado, hesitante e ardendo em desejo; num desconforto que me levava a desfalecer. Então, repentinamente, ele próprio, sem nenhuma dificuldade, me tomou e me levantou, pondo-me junto de si. Foi quando reconheci, naquela mão – que ao me sustentar comunicou-me a promessa antes mencionada – as evidentes marcas das chagas. Louvo, pois, adoro e bendigo a vossa sábia compaixão e a vossa misericordiosa sabedoria! E tanto quanto posso, vos rendo graças! Pois deste modo, vós – meu Criador e Redentor – alcançastes submeter minha cerviz indômita ao vosso suave jugo, preparando o remédio adequado à minha enfermidade [de alma]. Pois desde então, serena e com renovada alegria de espírito, comecei a caminhar na suavidade de vossos bálsamos, de sorte que eu considerava suave o vosso jugo e leve o vosso fardo – o que, pouco antes, eu considerava impossível de carregar (*Arauto*, Livro II, cap. 1, n. 1-2).¹⁰

Como ela se sentiu naquele exato momento? Estas imagens e símbolos, Gertrudes “viu” sensivelmente ou “discerniu” com o propósito de interpretar e narrar algo selado pela inefabilidade? Hoje, não conseguimos acessar diretamente sua intimidade afetiva e psicológica – expressa aqui em termos de relação amorosa, semelhante a Cântico dos Cânticos (cf. Ct 2,10-13). Resta-nos, contudo, a veracidade do evento, comprovada de dois modos: pela qualidade teologal da narrativa e outros textos, construídos com sensibilidade simbólica e coerência teológica; e pelas mudanças causadas na vida de Gertrudes. Pois ela, daquele dia em diante – jovem como era – entra num processo de verdadeira *metánoia* (transformação): amadurece de modo integral, psicologicamente, intelectualmente e espiritualmente. Depois de um longo tempo dedicado às Letras e à Filosofia, ela se decide enveredar no caminho da contemplação, num processo de iniciação teologal ao amor de Deus. A Palavra de Deus abre a ela novas portas de sentido, beleza e encontro com o Mistério divino. É neste contexto que o *Arauto* declara:

Daquele instante adiante, a jovem Gertrudes – antes versada na Gramática [letras clássicas], se fez teóloga: começou, pois, a ruminar sem fastio [com sabor e leveza], todos os livros da divina página [Bíblia] que pudesse ter ou adquirir (*Arauto*, Livro I, cap. 1, n. 2).¹¹

¹⁰ Tradução nossa, com base nos *Exercícios espirituais* p. 25-27; a frase final de Gertrudes nos remete a Mt 11,28-30.

¹¹ Tradução nossa do latim: “Unde exhinc de grammatica facta theologa, omnes libros divinae paginae quoscumque habere vel acquirere potuit infastidibiliter ruminans” (*Legatus*, Liber I, cap. 1, n. 2).

d) Amor que une e transforma

No percurso místico, Gertrudes viveu um longo processo de decantação da própria humanidade, sempre motivada e acolhida pelo Deus que “nos amou primeiro” (1Jo 4,19). No “fogo consumidor” do Espírito que “transforma as escórias em ouro puro e precioso” (*Arauto*, Livro II, cap. 7, n. 2), ela purificou os elementos obscuros de sua vida para ingressar na intimidade de Deus em plena luz, atraída por Jesus “para uma união mais íntima, uma contemplação mais viva, uma alegria mais intensa” (*Arauto*, Livro II, cap. 2, n. 1). Foi um processo de aprimoramento pessoal “in Spirito Sancto” (*Arauto*, Livro IV, cap. 17, p. 107), rumo a uma adesão mais consciente, livre e cordial a Jesus Cristo. A graça divina despojou Gertrudes da velha humanidade, revestindo-a “do homem novo, criado segundo Deus, em justiça e santidade verdadeiras” (Ef 4,24 no *Arauto*, Livro I, cap. 1, n. 2). Assim, a imagem de Cristo era nela restaurada, tornando-a mais semelhante ao Filho de Deus (cf. Cl 1,15). Para Gertrudes, negligenciar a graça é cair na “dessemelhança”, perdendo as feições do Verbo que Deus Pai havia impresso em nosso ser pela força de seu Espírito. Doutro lado, cultivar a graça é ser modelada à imagem do Verbo, acolhendo os toques de Deus na vida e recuperando a “semelhança” com Cristo. Este é o modo de Gertrudes entender a conversão, como lemos neste relato:

Ela então compreendeu que havia permanecido longe de Deus, na região da dessemelhança, aplicando-se excessivamente aos estudos profanos e esquecendo-se, até aquele dia, de abrir seus olhos à luz da inteligência espiritual. Apegada demasiadamente ao prazer do conhecimento humano, tinha se privado do doce sabor da verdadeira sabedoria (*Arauto*, Livro I, cap. 1, n. 2).

Passando, depois, à novidade do Evangelho por uma vida de conversão, ela reconhece que Deus lhe restaurou a semelhança primordial:

Ó Fogo verdadeiro que tudo consome! Ó Fogo operante, cujo poder queima os vícios para manifestar à alma o suave vigor de tua unção! Só em ti nos é dada a força que restaura, re-formando nosso ser segundo a imagem e semelhança original (*Arauto*, Livro II, cap. 7, n. 2).

Considerações finais

Como podemos nos aproximar das experiências de Gertrudes, narradas especialmente no *Arauto do amor divino*? Antes de tudo, é importante compre-

ender que narrativas são, ao mesmo tempo, memória e interpretação de experiência significativas. Sua função é comunicar o sentido pascal da experiência, enquanto vivência mística cristã. Não se deve ler uma narrativa mística unicamente sob a ótica factual (reduzindo-a à sua cronologia e materialidade), nem sob a ótica meramente conceitual (reduzindo-a às noções por abstração). Há que aproximar conceito e símbolo, evento e sentido. Pois a literatura mística, em geral, não se elabora com a mera lógica conceitual, mas sim com uma lógica simbólica, inspirada nos textos bíblicos e no material que o próprio autor consegue filtrar de sua experiência pessoal à luz da Revelação (Palavra de Deus). Com tais características, podemos dizer que Gertrudes – conforme lemos no *Arauto* – é uma *mistagoga*: uma pedagoga nas coisas de Deus, que se esforça em comunicar sua experiência aos demais, para exortá-los a percorrer o caminho espiritual com seus próprios pés.

A linguagem das narrativas de Gertrudes recorre às Sagradas Escrituras (como o Cântico dos Cânticos, os Profetas e o evangelho de João) e ao vigor psicológico próprio de sua feminilidade. Afinal, é nela mesma – enquanto mulher e monja apaixonada por Deus – que o Espírito vai operar, não cancelando, mas aperfeiçoando sua natureza humana e feminina.

Com seu amadurecimento humano e a experiência do primeiro encontro com Jesus, se intensifica em Gertrudes o desejo de uma transformação do coração, operada pelo amor de Deus, dom que não passa (cf. 1Cor 13). Este desejo crescente, que dinamizará seu caminho posterior, até a união com o Coração de Jesus. Pois ela compreende o “coração” como lugar da *presença inefável da graça* e instância de *encontro* com Deus. Voltando-se ao seu coração, encontra a Deus que ali habita misteriosamente. E voltando-se a Deus, encontra nele a felicidade para seu coração humano. É uma relação de interioridade aberta, que acolhe e se dá, ao mesmo tempo: encontrar Deus em si e encontrar a si mesma em Deus.

Assim se harmonizam em Gertrudes o acurado conhecimento intelectual e o intenso mover dos afetos, como também se conjugam Liturgia e Mística como lugares habituais de sua experiência de Deus. Quem pensa que a cultura germânica é em geral rude e emocionalmente seca, ficará surpreso ao ler as meditações da santa de Helfta. Pois ela não esconde os sentimentos. Vale recordar que o cristianismo germânico desta época é anterior à Reforma protestante e ao racionalismo intelectual que se espalhou pela Europa com a chegada da primeira Modernidade. Além disso, os autores dos séculos XII a

XIV falam de Deus com luminosidade e sabor¹². Com Gertrudes nos encontramos em tempos medievais: Há uma aura de sacralidade em todas as coisas. O cosmos, a cidade, a filosofia, as artes, o direito, os ideais... tudo transpira transcendência. A alma é vista como uma noiva destinada a unir-se com Cristo, o divino Esposo. Homens e mulheres se consagram a esta busca espiritual, como as *béguines* e os *bégards* – entre os quais, Matilde de Magdeburgo (cf. ÉPINEY-BURGARD; ZUM BRUNN, 1988).

Compreendemos, então, que nos textos gertrudianos as expressões de amor não provêm da ebulição psicológica, mas brotam de outro lugar: a relação cordial, afetiva e efetiva, entre Gertrudes e Deus, mediada pela humanidade de Cristo. Claro que o material gertrudiano é um caso interessante também para a psicologia e a fenomenologia religiosa. Mas nem as teorias psicológicas, nem os estudos histórico-culturais explicariam satisfatoriamente a experiência dela. O que confere sentido definitivo às expressões afetivas de Gertrudes é sua relação de aliança com Deus, especialmente conhecido na ótica do *coração*, isto é, do *amor teologal*. Só quem ingressa neste tesouro oculto e admite os valores que a animaram poderá ler e compreender espiritualmente o que ela nos deixou, como adverte Doyère:

Quanto mais se adentra nesta mensagem mística, mais se descobre a qualidade da vida interior de Gertrudes, a firmeza de suas assertivas teológicas, o zelo lúcido de seu ensinamento e, acima de tudo, que as profundas exigências de sua piedade destacam – não tanto o impulso sentimental – mas a convicção de uma fé bem formada e de uma doutrina espiritual sólida. A expressão afetiva quer traduzir a realidade objetiva do amor que une a alma a seu Senhor (DOYÈRE, 1967, coluna 335).

Referências

BEAUCHAMP, Paul. Os sentidos da Escritura. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2004, p. 1634-1642.

BENTO. *A Regra de São Bento*. Tradução: João Evangelista Enout OSB. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980.

CLÉMENT, Jean-Marie; VREGILLE, Bernard de (éds.). *Legatus divinae pietatis* (li-

¹² Tenhamos em mente algumas das grandes obras da mística ocidental, como: “Sermões sobre o Cântico dos Cânticos” (*Sermones super Cantica Cantorum*) de Bernardo de Claraval, “Conhece os caminhos do Senhor” (*Scivias*) de Hildegarda de Bingen “Itinerário da mente para Deus” (*Itinerarium mentis in Deum*) de Boaventura.

vros I-V) & *Exercitia spritualia*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1978. (Coleção *Sources Chrétiennes* vol. 127, 139, 143, 255).

CONGREGAÇÃO BENEDITINA BRAZILEIRA. *Manual gertrudiano ou Exercícios espirituais de santa Gertrudes Magna*. Friburgo em Brisgau: Editora Herder, 1914. Edição em português.

DOYÈRE, Pierre. Gertrude d'Helfta. In: *Dictionnaire de Spiritualité*, tomo VI. Paris: Beauchesne, 1967, colunas 331-338.

DOYÈRE, Pierre (trad.). Introduction. In: GERTRUDES. *Le héraut II-III*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1968.

ÉPINEY-BURGARD, G.; ZUM BRUM, Émile. *Femmes troubadours de Dieu*. Brepols: Belgique, 1988.

FREITAS CARVALHO, José Adriano M. *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: Edição INIC-Universidade do Porto, 1981.

GERTRUDES DE HELFTA. *Mensagem da misericórdia divina: Livros I-III*. Tradução: Maria Zuleika Bezerra. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2012.

GERTRUDES. *Mensagem do amor de Deus: Livro IV*. Tradução: Celso da Costa C. Vidigal São Paulo: Editora Artpress, 2016.

HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálicon: da arte de ler*. Tradução: Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001. Coleção Pensamento Humano.

HUGUES DE SAINT-VICTOR. *De contemplatione et eius speciebus*. Edição crítica de R. Baron. Tournai-Paris: Desclée et Cie, 1958.

LADARIA, Luis F. *El Dios vivo y verdadero*. Salamanca: Ed. Secretariado Trinitario, 1998.

RIVERA RECÍO, Juan Francisco. Espiritualidad popular medieval. In: JIMÉNEZ DUQUE, Baldomero; SALA BALUST, Luis. *Historia de la espiritualidad* vol. I. Barcelona: Juan Flors Editor, 1969, p. 641-644.

VAGAGGINI, Cyprien. *El sentido teológico de la liturgia*. Madrid: BAC, 1959.

Artigo recebido em 11/09/2017 e aprovado para publicação em 18/10/2017

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-1>

Como citar:

MAÇANEIRO, Marcial. A mística do amor em Gertrudes de Helfta: uma obra do Espírito Santo. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 13-32, jan./jun. 2018. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.